

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: uma análise sobre a inclusão com ênfase no ensino e na aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva

Salete Maria Pellenz Previatti¹

Juliana Patrícia Petris²

Renato Zanandrea³

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de ensino amparada por lei para pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. Analisar a inclusão de alunos(as) com surdez na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na prática pedagógica dos professores(as) é o objetivo geral do estudo proposto. Nesse sentido, por meio de pesquisa bibliográfica e análises documentais e pesquisa orientada por problemáticas considerando o tema, propõe-se refletir sobre a formação docente, estratégias para o ensino e a aprendizagem do estudante na Educação de Jovens e Adultos e como a inclusão da pessoa com deficiência auditiva pode ser realizada. O processo de inclusão enfrenta vários desafios, principalmente quando se fala de deficiência auditiva na educação de jovens e adultos. Ao pesquisar sobre a inclusão do surdo, destaca-se que a escola precisa buscar meios para que esse aluno com deficiência auditiva possa participar das aulas e ter uma aprendizagem significativa, tanto dentro da sala de aula quanto no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Nesse sentido, destaca-se a importância da aprendizagem de Libras e a necessidade de considerar o estudante da EJA um sujeito com conhecimentos e habilidades que precisam ser considerados na construção das estratégias de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Inclusão. Libras. Andragogia. Metodologia da Educação.

ABSTRACT: Youth and Adult Education (EJA) is a form of education supported by law for people who have not had the opportunity to study at the appropriate age. Analyzing the inclusion of deaf students in Youth and Adult Education (EJA) and the importance of the Brazilian Sign Language (Libras) in the pedagogical practice of teachers is the general objective of the proposed study. In this sense, through bibliographic research and document analysis and research oriented by problems considering the theme, it is proposed to reflect on teacher education, strategies for teaching and student learning in Youth and Adult Education and how the inclusion of the person with hearing impairment can be performed. The inclusion process faces several challenges, especially when it comes to hearing impairment in youth and adult education. When researching on the inclusion of the deaf, it is highlighted that the school needs to seek ways so that this student with hearing impairment can participate in classes and have significant learning, both within the classroom and in the Specialized Educational Service (AEE). In this sense, it highlights the importance of learning Libras and the need to consider the EJA student as a subject with knowledge and skills that need to be considered in the construction of teaching and learning strategies.

Keywords: Youth and Adult Education. Inclusion. Pounds. Andragogy. Education Methodology.

¹ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário – Católica de Santa Catarina.

² Graduação em Pedagogia (UNERJ). Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (ICPG). Mestrado em Educação (UFPR). Coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário – Católica de Santa Catarina. Professora dos cursos de Graduação no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina. Coordenadora de Educação a Distância no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina.

³ Graduação em Engenharia de Operação Mecânica (UCS). Especialização em Administração de Empresas (UNERJ). Especialização em Complementação da Formação Pedagógica e Docente (UNERJ).

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino amparada por lei para pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. No Brasil, Paulo Freire (1921-1997) é um dos mais conceituados educadores, com atuação e reconhecimento internacional, conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome. Refletir sobre a inclusão na Educação de Jovens e Adultos é importante porque a EJA atende pessoas diferenciadas e com características próprias. Pode-se dizer que a EJA acolhe pessoas que por algum motivo são excluídas do ambiente escolar. Diante disso, a inclusão na educação de jovens e adultos não é somente para aqueles que têm dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, mas também para pessoas com deficiência, em particular pessoas surdas. O aluno surdo tem o direito de ser atendido. Porém, é um processo lento, pois a maioria dos professores não está preparada para atender alunos com surdez. A integração do aluno acontece, entretanto, ele não é incluído. Para incluir, é preciso ampliar as discussões sobre este assunto e, assim, da melhor forma possível garantir o direito à educação com justiça e dignidade para todos. Vale lembrar que apenas criar vagas e proporcionar recursos materiais não é o suficiente. A inclusão significa proporcionar aos alunos com deficiência uma escola e uma sociedade inclusivas, que garantam seus direitos com igualdade de oportunidades e com profissionais capacitados e comprometidos com a educação de todos.

É importante pensar que na sociedade existem pessoas diferentes e, devido a essas diferenças, muitas vezes há preconceitos. Em relação ao aluno surdo, percebe-se o preconceito de alguns professores quando se trata da língua de sinais. Muitos não têm o conhecimento de como os surdos se comunicam. Logo, criam ideias que prejudicam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno surdo, ocasionando atraso de linguagem. Assim como todos, os alunos com surdez ou deficiência auditiva têm direito a uma educação de qualidade. Quando se fala em alunos com surdez, depara-se com vários problemas, como a falta de informação sobre os surdos, sua cultura, sua comunidade e sua identidade. Diante desses problemas, a visão da sociedade em geral é equivocada. Isso contribui para um isolamento social dos surdos na sociedade, havendo a discriminação.

Existem muitas limitações e dificuldades de comunicação quando se trata da língua portuguesa por parte das pessoas com deficiência. Ela é a língua predominante na

comunidade brasileira, mas possui diferença estrutural quando comparada com a língua de sinais, que é a língua primária dos surdos. Aprender Libras é muito importante para o desenvolvimento social e emocional e também para o convívio de todas as pessoas e não somente para pessoas surdas. Infelizmente, o ensino da língua de sinais é muito precário. A maioria das pessoas com deficiência auditiva aprende Libras em locais específicos para pessoas com surdez. No setor pedagógico, o conhecimento da língua de sinais é fundamental. As instituições educacionais têm obrigação de serem locais de inclusão e integração. Por isso, é necessário que os profissionais da área pedagógica saibam a língua de sinais. Acredita-se que a língua de sinais deveria ser disciplina obrigatória em todas as escolas, pois a linguagem é um dos mais importantes instintos que possuímos e faz parte do nosso desenvolvimento como seres humanos.

Sem a linguagem, ocorrem graves consequências no emocional, intelectual e social do ser humano. É por meio da comunicação que se compartilham ideias, sentimentos, emoções e mensagens. Precisa-se pensar que nem sempre a comunicação ocorre de forma clara. As pessoas que são deficientes auditivas têm muitas dificuldades em relação à comunicação, pelo fato de a língua de sinais ainda ser pouco conhecida e divulgada. Claro que muita coisa já melhorou, mas ainda há muito a ser feito para que se possa viver em uma sociedade mais humana, na qual todos possam ser iguais mesmo com suas diferenças. Nesse sentido, qual a importância da inclusão de alunos(as) com surdez na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a inserção da Língua Brasileira de Sinais na prática pedagógica dos(as) professores(as)? A partir desse questionamento, definiu-se o objetivo geral da pesquisa que foi *analisar a inclusão de alunos(as) com surdez na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a importância da Língua Brasileira de Sinais na prática pedagógica dos(as) professores(as)*. Como objetivos específicos, teve-se como foco:

- compreender os obstáculos que dificultam a inclusão de alunos com surdez na Educação de Jovens e Adultos (EJA);
- identificar situações que levam alguns professores a não dar importância à Língua Brasileira de Sinais na sua prática pedagógica;
- especificar o acesso à educação com igualdade a todas as pessoas com deficiência como cidadãs pertencentes ao sistema educativo.

Para este estudo, foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, qualitativa, com a análise de trabalhos já realizados e publicados em artigos, teses, monografias, que abordam temas relacionados com o posicionamento do deficiente auditivo em relação à educação de jovens e adultos. O caminho proposto foi construído para poder identificar as dificuldades e avanços que encontramos em relação à inclusão dos deficientes auditivos na EJA. Assim, tendo como base a pesquisa bibliográfica, esse estudo foi desenvolvido a partir de autores de referência no campo da educação de surdos e da EJA, buscando contemplar as realidades vivenciadas nos processos de ensino e de aprendizagem com os alunos surdos. A pesquisa foi feita por meio de material já publicado, como livros, artigos de periódicos e, na atualidade, em face do uso das novas tecnologias de comunicação e informação, com informações disponibilizadas na Internet.

A pesquisa bibliográfica possibilita ao investigador uma variedade de conhecimentos, levando-o a refletir sobre a inclusão dos Jovens e dos Adultos no processo de ensino e de aprendizagem. Isso ocorre a partir da construção de um referencial teórico sobre o assunto que visa entender de que forma a escola e seus profissionais estão preparados para receber os jovens e os adultos com deficiência, evitando a evasão e preparando essas pessoas para o mercado de trabalho e para o convívio social. De igual valor, utilizou-se a pesquisa orientada, realizada por meio de perguntas, que possibilitou reflexões sobre a inclusão e a educação de jovens e adultos, principalmente no que se refere às pessoas com surdez. Para tanto, observou-se as realidades vivenciadas nos processos de ensino e de aprendizagem com estudantes com deficiência auditiva e foi analisado se a escola e os professores estão preparados para receber e atender alunos com deficiência, evitando a desistência e preparando-os para o mercado de trabalho para que possam viver na sociedade com igualdade e dignidade e com os mesmos direitos como cidadãos. Também foram analisados textos que descrevem sobre a questão da interdisciplinaridade, com o objetivo de verificar questões sobre a inclusão e a formação de professores para proporcionar ao educando melhor qualificação docente e discente.

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E METODOLOGIAS

No Brasil, a base constitucional tem princípios legais que asseguram às pessoas com deficiência uma vida digna. Porém, na prática, ainda encontramos muitas barreiras. Diante disso, é importante a manutenção das leis, bem como da qualificação da prática referente à profissionalização para promover a igualdade de oportunidades a esta população. Segundo Silva (2014, p. 1):

com a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é considerada uma modalidade da educação, compreendida como uma educação que abrange os aspectos da educação formal, informal e não formal destinada a jovens e adultos, portanto, deve proporcionar o desenvolvimento de suas habilidades e de suas qualificações técnicas [...].

Assim como todos, neste contexto os alunos com deficiência auditiva também estão incluídos. Eles têm como um ponto de referência a escola para auxiliá-los nos problemas que enfrentam e também para o convívio na sociedade, pois, para este convívio ser de qualidade, eles precisam conhecer a língua escrita. Entretanto, infelizmente, em várias escolas isso não acontece, pois as práticas pedagógicas em sala de aula muitas vezes não estão adaptadas para os surdos. A educação de jovens e adultos é ofertada pelas escolas públicas dos dezesseis anos até pessoas com idade avançada que, por vários motivos, não tiveram a oportunidade de estudar. Essa modalidade vem se aperfeiçoando cada vez mais, contribuindo para um ensino de qualidade e com igualdade para todos.

O objetivo da EJA é garantir direito igualitário a todos os cidadãos, proporcionando que eles possam ser pessoas capazes de interferir criticamente na sociedade. No Brasil, a história da Educação de jovens e adultos teve como primeiro projeto lançado no governo a Campanha de educação de adolescentes e adultos no meio rural, com o objetivo de alfabetizar os alunos em três meses. O motivo desse tempo menor do que o convencional era pela necessidade de as indústrias nos centros urbanos precisarem de mão-de-obra especializada. Assim, a população da zona rural foi se instalando no centro urbano com o intuito de melhorar a qualidade de vida. Com isso, surgiu a necessidade de alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para que escolas para jovens e adultos fossem criadas.

Segundo Silva (2014, p. 6-7), a democratização da sociedade também contribuiu, pois, “nesse período, a necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das

escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados”. Quando esse projeto foi lançado, várias críticas surgiram devido à qualificação dos professores e a necessidade de adequar o método de ensino e o material didático a serem usados com esses alunos. Depois desse projeto que foi lançado pelo governo, Paulo Freire foi o responsável por desenvolver e organizar um programa nacional de alfabetização de jovens e adultos. Contudo, em 1964 ocorreu o golpe militar e o trabalho de Paulo Freire era visto como ameaça ao regime. Devido a isso, “[...] foi criado um programa assistencialista e conservador: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Seu objetivo era apenas a alfabetização funcional – sem apropriação da escrita e da leitura [...]”. (SILVA, 2014, p. 7).

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71 trouxe um capítulo dedicado especificamente para o EJA. Em 1974, o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), todos carregavam influências tecnicistas devido à situação política do país. Em 1985, o MOBREAL chega ao fim, cedendo espaço para a Fundação EDUCAR, que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes. Nos anos 80, pesquisas sobre a língua escrita traziam estudos sobre o EJA. Com a promulgação da constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a Educação de jovens e adultos. (TEIXEIRA, 2006, p. apud SILVA, 2014, p. 7).

Devido às conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que ocorreram nos anos 1990, a importância da EJA passou a ser reconhecida em vários países. A LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996) garante a igualdade de acesso, a permanência na escola e o ensino de qualidade. Com a lei, o Ensino Fundamental é obrigatório e gratuito, inclusive para as pessoas que, por algum motivo, não tiveram oportunidade ou acesso para estudar na idade apropriada. Esse ensino, antes chamado de supletivo, passou a ser Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem como grande dimensão preparar e inserir no mercado de trabalho esses alunos. O Ministério da Educação (MEC) anunciou em janeiro de 2003 que a alfabetização de jovens e adultos seria prioridade para o novo governo federal. Nesse sentido, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo e, por meio do MEC, foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, contribuindo com órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para desenvolver ações de alfabetização.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: fundamentos e metodologias

A Educação inclusiva não significa somente inserção física dos alunos com deficiência. É preciso que os professores e a escola tenham suporte e uma ação pedagógica para trabalhar com esses alunos para que eles possam ter um aprendizado significativo. Todos precisam estar envolvidos, equipe pedagógica junto com a família e toda a comunidade. Cabe ao professor adaptar os recursos didáticos de forma que todos os alunos consigam aprender e realmente ser incluídos dentro de um processo educacional. É preciso envolver os alunos em todas as atividades utilizando-se dos recursos possíveis para que possam superar as barreiras no processo educacional e aproveitar seus direitos escolares, como cidadãos dignos de uma educação igualitária. Um ensino de qualidade, que desenvolva uma aprendizagem realmente eficaz e que desenvolva as potencialidades dos alunos com deficiência, precisa estar na dinâmica da escola, reconhecendo esses alunos com suas individualidades, particularidades e especialidades. Segundo Nodari (2013, p.15),

[...] cada tipo de necessidade especial requer um encaminhamento metodológico específico, adequações curriculares, materiais didáticos, atendimento especializado que pode ocorrer durante as aulas ou em contraturno escolar que, nas escolas públicas funcionam na Sala de Recursos, um ambiente preparado para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) cujos processos de intervenção priorizam a construção da aprendizagem por meio de metodologias específicas [...].

A inclusão exige do professor atitudes. Ele precisa estimular o aluno com criatividade, promovendo oportunidades de aprendizagem. Os professores precisam de formação para serem capazes de abordar todos os educandos, sejam pessoas com deficiência ou não. Existem várias ações a serem feitas para que a inclusão realmente seja efetivada, mas é importante dizer que muitos avanços já foram vivenciados em relação a discriminações e preconceitos.

METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos se destina a resolver situações de exclusão e exploração, voltada para cidadãos que, devido a diversas questões, em idade apropriada não tiveram oportunidade para estudar. O objetivo da EJA é contribuir para que esses

problemas sociais sejam acertados da melhor forma e com dignidade a todos os indivíduos. No Brasil, a história da EJA tem como o mais importante educador Paulo Freire, que é reconhecido internacionalmente pelo seu método de alfabetização de jovens e adultos, contribuindo para que essa modalidade de ensino apresentasse avanços cada vez mais significativos. Freire tinha como objetivo mobilizar o indivíduo para perceber o mundo, a começar por sua cultura e sua história.

Freire mostra que é necessário na educação uma prática da liberdade; quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo, mais se sentirão desafiados e responderão de forma positiva, ao contrário de uma educação bancária, domesticadora, que apenas 'deposita' os conteúdos nos alunos. Para Freire, "não há saber mais ou menos; há saberes diferentes" (2013, p. 49). Defensor do saber popular e da conscientização para a participação, Paulo Freire inspirou muitos movimentos sociais que lutaram em busca da equidade social. As premissas de Freire motivam até hoje ações da sociedade civil em prol da efetivação da cidadania (CARDOSO; PASSOS, 2016, p. 1).

Ainda, pode-se dizer que a EJA é:

[...] fruto das reivindicações de grupos e movimentos sociais de educação popular, diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988 (CARDOSO; PASSOS, 2016, p. 1).

Alfabetizar vai além do aprender a codificar e decodificar o sistema de simbologias escritas, pois a alfabetização está em constante acontecimento na vida do educando. Por isso, é muito importante que o educador não desconsidere o conhecimento prévio de seus alunos para que se construa um resultado positivo e relevante em relação ao processo de alfabetização de um dado discente. O ato de alfabetizar considera todo o aprendizado adquirido pelo educando, indo além das paredes da sala de aula. Sabe-se que os analfabetos funcionais não são analfabetos por completo. Não podemos dizer que, por não saberem decodificar e codificar letras, palavras, sílabas e etc., eles sejam completos analfabetos. Cada um deles pode não ser conhecedor da língua escrita, mas conhece muito bem o significado das coisas que consegue visualizar em sua volta. Daí cabe à escola trabalhar o processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de reverter esta situação de não-aprendizado da linguagem escrita, seja para crianças, jovens ou adultos, integrando-os

com os conhecimentos de decodificação e codificação intelectual já existentes. Isso é o que pode ser denominado de Alfabetização Cultural. Muitas vezes, a educação de adultos é definida por termos que na maioria das vezes não lhe pertencem. O estudante da EJA é um indivíduo já com vida praticamente conclusa. Ensinar é também o ato de respeitar o conhecimento já adquirido dos seus alunos, realizando a soma de suas experiências já existentes com o que será trabalhado na escola.

METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS

A ciência busca explicações para acontecimentos e fenômenos. Na Antiguidade, era desenvolvida por meio da curiosidade dos povos antigos e, com isso, foi gerando importantes resultados que até hoje são utilizados. A ciência é parte importante da nossa história e para o desenvolvimento e comportamento da sociedade. É preciso valorizar a ciência no contexto social e buscar uma compreensão cada vez melhor em relação ao ambiente, reconhecendo-o como essencial para a sobrevivência da humanidade. O ensino de Ciências precisa despertar curiosidade e interesse dos alunos, mobilizando cada educando para ser um indivíduo crítico na visão da realidade do dia a dia, em seu meio de convivência e no ponto de vista tanto econômico, quanto político e, assim, o tornando um cidadão com desenvolvimento intelectual e com autonomia. Nesse contexto, é responsabilidade do professor organizar a metodologia e a prática pedagógica, despertando nos educandos o interesse em ter o conhecimento da ciência e suas tecnologias. Sabe-se que isso não é uma tarefa fácil, é preciso ter esforço tanto do aluno quanto do professor. É necessário que o professor tenha formação qualificada e domínio do conteúdo para trabalhar em sala de aula. Segundo Estácio (2015, p. 23358),

no que se refere à formação de professores de ciências, atualmente deve ser entendido como uma ação contínua, em um processo de constante desenvolvimento que acontece por toda a vida profissional, apoiando-se em conhecimentos teóricos para aplicação posterior na prática, o que o torna coerente com o pensamento da racionalidade técnica. Logo a formação de professores em relação ao ensino necessita de um enfoque reflexivo sobre a prática. É necessário que se proporcione uma formação inicial e continuada adequada aos professores, para favorecer uma educação científica ao profissional, e assim desenvolver adequadamente os conteúdos conceituais, experimentais, atitudes e valores, que também são compreendidos pelos estudantes. Além disso, recomenda-se que o professor seja um pesquisador-reflexivo, pois pesquisar e refletir são técnicas importantes na construção

de um trabalho docente que proporcione o entendimento da complexidade do processo de ensino-aprendizagem, necessitando o rompimento da simplicidade com relação ao ensino de ciências.

É preciso refletir sobre fatores importantes quanto à formação de professores para o ensino de ciências, traçando objetivos para ajudar na prática pedagógica. Faz-se necessário que, para uma boa prática pedagógica, os(as) professores(as) participem ativamente na formação contínua nas reformas educacionais. Esse movimento favorece a sua formação com novas didáticas e metodologias, contemplando assim a disciplina e trazendo resultados significativos para o professor e, conseqüentemente, para o educando.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O início da educação de surdos se deu na Espanha, no século XVII, com o monge Pedro Ponce de León, que, a partir de uma reflexão, percebeu que nos mosteiros, mesmo existindo a lei do silêncio, os monges conseguiam se comunicar através dos gestos e do alfabeto datilológico. A partir de então, a língua de sinais é objeto de estudos, tendo hoje como definição: língua gestual-visual, baseada no uso das mãos, do rosto, da boca, enfim, do corpo todo. Ela representa a resposta criativa das pessoas surdas para a experiência visual da surdez.

Os surdos conseguem falar sobre tudo: política, futebol, religião, lazer, educação, direitos, deveres, reivindicações, organizações, etc. Somente os surdos podem criar sinais quando estes não existirem para expressar um conceito. Nos dias de hoje, o processo de criação de sinais tem sofrido modificações, devido à influência de pessoas ouvintes. No Brasil, os surdos utilizam a Libras como código linguístico. A linguística da Libras é um importante fator cultural. É uma forma de representação do mundo social para a comunicação entre todos para nosso convívio na sociedade. A Libras é uma língua natural surda, pois possui composição linguística própria. Segundo Souza e Gediel (2017, p. 4):

a gramática das Línguas de Sinais emerge a partir da forma como os Surdos entendem o universo simbólico em que estão inseridos, significando-o de acordo com os códigos de uma Língua espacial visual. Desse modo, entendemos que os sinais não são somente um fator de extrema importância para a comunicação, mas para a compreensão de mundo desses sujeitos e das formas como se identificam e são identificados.

Os sinais são formados e orientados gramaticalmente a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. São constituídos por: Configuração de Mão (CM), da Localização (L), do Movimento (M), da Expressão Não Manual (ENM) e da Orientação de Mão (OR). São utilizadas tanto na elaboração dos sinais próprios como na construção dos demais sinais nessa língua. A fonologia da Libras é estabelecida a partir desses cinco parâmetros. Esse mesmo padrão fonológico é encontrado nos sinais próprios das pessoas sinalizastes. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi aprovada oficialmente pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), sendo reconhecida e oficializada pelo Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005). Ela vem ajudando as pessoas surdas para que elas possam ser respeitadas e se integrem na sociedade com o objetivo de uma educação inclusiva. Precisa-se de políticas públicas que ofereçam educação de qualidade para todos os alunos, atendendo às especificidades de cada um, especialmente os surdos, possibilitando a eles uma educação inclusiva com adaptação curricular e com uma proposta em que, paralelamente à Língua Portuguesa, a Língua de Sinais seja o objetivo durante todo o processo educativo.

É preciso uma transformação nas formas de avaliação, nas estruturas físicas dos estabelecimentos de ensino, nas matrizes curriculares, mas, principalmente, nas atitudes. Em pleno século XXI, é possível encontrar docentes que se recusam a trabalhar com a diversidade, por estarem despreparados ou por não perceberem o benefício de aprender a conviver na diferença. Falta a esses docentes conhecer objetivos maiores (e melhores) da educação. Para executar tal tarefa, não há um modelo único, pronto e acabado. Esta é uma prática em construção, um processo em que educar para a diversidade signifique estar atento às necessidades educacionais especiais de cada aluno.

PESQUISA ORIENTADA

Apresenta-se na sequência a pesquisa orientada sobre Educação de Jovens e Adultos, com foco na construção de elementos que permitam reflexões sobre o tema proposto. Por intermédio de perguntas orientativas, como estudantes no curso de Pedagogia, foi possível refletir e expor as ideias que podem contribuir para a atuação do professor em sala de aula.

Pergunta um: O professor da Educação de Jovens e Adultos tem um grande desafio na sua trajetória: encantar aquele aluno que, por diversas motivações, abandonou os estudos. Você, como futuro professor, de que forma poderia acolher os alunos de modo que eles não desanimem ou desistam em sua primeira dificuldade? O professor precisa criar uma boa relação com os alunos sendo receptivo, paciente, respeitando-os, conversando com eles sobre suas dificuldades e, assim, conquistando sua admiração e inspirando-os a se dedicarem aos estudos, mesmo diante de dificuldades que serão encontradas ao longo do tempo. É preciso considerar que essas pessoas chegam à sala de aula com conhecimentos já construídos. É importante conhecer e diagnosticar cientificamente os saberes dos alunos, bem como os motivos reais que levam esses jovens e adultos a voltar para a escola e sentir a necessidade de aprender a ler e a escrever, construir conhecimento, pensar e criticar.

Enfim, considerar que essas pessoas já tiveram no passado uma tentativa de aprendizagem que acabou frustrada pela vida, fazendo-os de certa forma fracassar. Este sentimento de fracasso pode causar neste **indivíduo a falsa sensação de incapacidade de aprendizagem e o** sentimento de desamparo.

Para esses alunos, voltar a estudar é um marco decisivo, libertando-os do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade. É na escola que **eles terão acesso aos conhecimentos mais elaborados que serão construídos** a partir do conhecimento prévio, que vai resultar no desenvolvimento mental e intelectual. A partir dessas construções, os sujeitos vão se integrar melhor na sociedade.

Pergunta dois: Sabemos que ensinar adultos exige estratégias diferenciadas. Como você futuro egresso do curso de Pedagogia, pode se organizar com os conteúdos e quais estratégias utilizaria? Cite exemplos. A Educação de Jovens e Adultos, de **certa forma, trabalha com a inclusão. Qual a percepção que** você, como futuro professor, tem sobre a inclusão na Educação de Jovens e Adultos?

Aplicar estratégias de ensino para que haja um questionamento entre professores **sobre a forma e atitudes do trabalho docente é necessário.** Rever a elaboração das aulas, mobilizando os educadores quanto à importância e à necessidade de adaptações e adequação dos conteúdos e exercícios com a utilização **de recursos midiáticos e tecnológicos para todos os alunos com** algum tipo de deficiência, mas,

especialmente, no trabalho com alunos surdos, deve fazer parte da formação inicial e continuada dos professores.

Além de um intérprete **em sala de aula, a apresentação de filmes é uma** ótima estratégia para auxiliar o aluno com surdez. Os vídeos devem ser passados sempre com legendas. O professor pode usar o quadro para desenhar, fazer detalhes **ou esquematizar suas ideias, utilizando-se de cores diferentes, setas e** símbolos que auxiliem os alunos no entendimento da matéria. Os conteúdos podem ser passados por apresentações de imagens. O uso de slides para a aula é também uma ótima estratégia, mas precisa ser usado com cuidados, sem exagerar nos textos. Os slides devem ter o máximo possível de detalhes e de informações visuais, como imagens, desenhos e figuras, além de frases curtas, preferencialmente associadas com as ilustrações. As atividades práticas, com dinâmicas que sejam relacionadas com o conteúdo, são uma forma de integração do aluno surdo com todos os colegas. Os professores devem se adequar aos seus alunos surdos, frequentando os cursos de Libras que são disponibilizados em vários locais, como igrejas, associações de bairros ou até mesmo pela internet. Buscar sinais básicos e destinados à disciplina desenvolvida pode ser um início. É necessário proporcionar a mobilização dos profissionais da educação, assim como a comunidade em geral, da importância do conhecimento da língua de sinais e de um trabalho bilíngue para a comunicação entre todos.

Pergunta três: Como você planejaria a interação com os estudantes da EJA? Quais as estratégias para conquistá-los, trabalhando a autoestima dos estudantes pelo gosto pelo aprender? Teixeira et al (2005, p. 47) indicam que

um projeto que trabalhe a autoestima oferece ao professor uma oportunidade de levar o aluno a repensar suas relações, sua maneira individual de agir, como ele tem vivido até agora sua afetividade e principalmente como vai vivê-la daqui para frente, pois ele vive em um tempo em que as pessoas estão cada vez mais aprisionadas em questões materiais, físicas e estéticas. Pouco se vê entre nós, seres humanos, uma preocupação genuína com os laços afetivos que não parecem, mas nos são tão necessários para o nosso bem estar emocional e crescimento de nossa Auto-estima.

Diante disso, acredita-se que a afetividade tem grande influência para manter o equilíbrio dos sujeitos. O aluno precisa ter consciência do conhecimento e das verdades para viver uma vida completa, assim influenciando no desenvolvimento da sua autoestima,

que deve sempre ser trabalhada para o bem não somente do aluno, mas também do professor. É muito bom trabalhar com pessoas que expressam suas emoções com alegria e que são educadas.

Pergunta quatro: Como você, futuro professor, planeja estabelecer relação do conteúdo com a vida pessoal e profissional do aluno. Existe uma relação entre eles ou há importância somente no conteúdo?

Como futura professora, acredita-se que é necessário valorizar mais as oportunidades que o professor tem recebido para melhorar a formação dos alunos. É preciso pensar que nunca se está pronto e é necessário estar sempre em busca de algo melhor para que as aulas sejam mais práticas e menos complexas, para que as necessidades dos educandos sejam satisfeitas contribuindo assim para o melhor ensino e a aprendizagem dos estudantes. Quando se pensa na Educação de Jovens e Adultos, é possível perceber muitas pessoas na sociedade que são excluídas, que não tiveram acesso à educação em idade adequada e que enxergam na EJA a oportunidade de melhorar e incluir-se socialmente. “[...] o EJA, com suas funções reparadora, equalizadora e qualificadora, explicitadas no Parecer CNE nº 11/2000, coloca-se como um caminho para quitar essa dívida social, que faz parte da nossa história e da vida de tantos indivíduos” (SILVA, 2017, p. 4). Ainda, destaca-se que:

[...] esses objetivos supracitados, não podemos esquecer da Educação Especial, cujo público-alvo são as pessoas com deficiência de todos os tipos. A LDBEN, Lei nº 9.394/96, garante, no capítulo V, a oferta dessa modalidade de educação escolar na rede regular de ensino para os educandos necessidades especiais. Já o Decreto nº 3.298/99 define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino e enfatiza a atuação complementar da educação especial ao ensino regular. Enquanto isso, a Resolução nº 02/2001, no artigo 2º, estabelece que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, se organizando de forma a atender até mesmo aqueles indivíduos com necessidades educacionais especiais e assegurando, claro, as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (SILVA, 2017, p. 4).

Nesse contexto, percebe-se que a inclusão não é somente inserção física de pessoas com deficiência, mas também com necessidades específicas. O professor e a escola precisam de suportes para uma boa ação pedagógica.

Há todo um processo coletivo que envolve vários atores do processo social e escolar para que o aprendizado do aluno deficiente aconteça de maneira

significativa, é preciso que escola, professor, família e demais alunos contribuam no processo de inclusão. Ao professor cabe adaptar os recursos didáticos de forma que os alunos consigam aprender e realmente ser incluídos dentro de um processo educacional (SILVA, 2017, p. 6).

Pergunta cinco: Qual o perfil atual descrito do aluno da Educação de Jovens e Adultos e como a escola percebe esse aluno?

Grande parte dos alunos que frequentam a EJA são trabalhadores que começaram a trabalhar muito cedo, pois seus pais saíam para trabalhar e eles precisavam cuidar dos afazeres da casa e de irmãos mais novos. Alguns deles já saíam com seus pais para o trabalho, para ajudar na renda familiar. Nas regiões rurais, eles ajudavam seus pais a cuidar da terra, das plantações e da criação de animais. Esses trabalhos são marcados por horário e período de colheita, de seca e de chuva, tudo isso é aliado à distância, configurando-se precárias condições para ir à escola. Diante disso, a maioria dos estudantes da EJA são pessoas trabalhadoras que vão para a sala de aula depois de um dia inteiro de trabalho. Mas é claro que também nessas salas de aula há pessoas desempregadas e trabalhadores temporários ou informais. É preciso, ainda, lembrar que em todas as regiões do país, o trabalho é motivo de não ter frequentado a escola em idade adequada e pode ser também ele o motivo pela retomada dos estudos. Sabe-se que ao falar de trabalho esse está relacionado a uma responsabilidade social, às políticas governamentais e empresariais, mas acredita-se que a escola pode ajudar a desenvolver habilidades que contribuam para uma atuação mais eficiente nesse universo diversificado e competitivo.

RESULTADOS

A pesquisa orientada teve como objetivo analisar a atuação da escola e do professor na Educação de Jovens e Adultos em relação ao acolhimento, às estratégias, às práticas pedagógicas e à formação do professor para que o ensino possa ser trabalhado de maneira igualitária para todos. Percebe-se na pesquisa que, quando se fala de inclusão, os desafios encontrados são vários, principalmente em relação à inclusão dos alunos com deficiência auditiva. Com a pesquisa, é possível identificar que é preciso reconhecê-los como pessoas inteligentes, que desenvolveram suas estratégias de sobrevivência. O conhecimento que essas pessoas trazem requer respeito por parte do professor. Na maioria das vezes, esses

conhecimentos não são encontrados em livros ou aprendidos nas faculdades. O professor precisa perceber a necessidade real de cada estudante e assim “andar junto”, em um caminho repleto de conhecimentos e experiências de vida.

Diante da pesquisa realizada, verificou-se também que o professor da EJA tem grande responsabilidade no que diz respeito a evitar situações de desânimo e de fracasso escolar. Os saberes que os estudantes trazem para a sala de aula precisam ser valorizados e reconhecidos, já que são saberes de pessoas com uma experiência de vida e com habilidades profissionais. Percebe-se que o acolhimento e a valorização dos alunos pela escola e pelo professor são importantes, pois possibilitam abertura de uma aprendizagem com êxito, promovendo novos conhecimentos que vão ao encontro dos saberes da vida. Entende-se que a instituição de ensino precisa ser algo prazeroso, dando sentido para eles estarem na escola, valorizando-os para que percebam que o conhecimento construído é algo essencial para suas vidas e também para a convivência na sociedade. Eles precisam sentir que o ato de aprender pode trazer uma atividade intelectual que será desenvolvida. Nesse sentido, o processo educativo será eficiente. Tratar do que é comum diminui distâncias, aproxima as pessoas e conseqüentemente contribui para o estreitamento de vínculos e enriquecimento pessoal.

A pesquisa nos mostra que, para que haja uma inclusão permanente, a escola e a comunidade precisam se organizar para receber as pessoas com deficiência respeitando suas diferenças, contribuindo assim para que o objetivo de efetiva inclusão seja atingido.

Quando se fala sobre inclusão, é comum as pessoas imaginarem que isso significa o aluno que tem algum tipo de deficiência ser matriculado em escolas “especiais”. Porém, inclusão significa incluir esses alunos em escolas comuns. Por isso, é necessário que os professores planejem atividades diferenciadas, atendendo à realidade de cada um. Por meio da pesquisa realizada, foi possível refletir sobre as estratégias de professores no trabalho com a EJA e como eles visam contribuir no ensino e na aprendizagem de seus alunos. Porém, verificou-se que o processo de inclusão enfrenta vários desafios, principalmente quando se fala de deficiência auditiva na modalidade da educação de jovens e adultos.

Ao pesquisar sobre a inclusão do surdo, destaca-se que a escola precisa buscar meios para que esse aluno com deficiência auditiva possa participar das aulas e ter uma aprendizagem significativa, tanto dentro da sala de aula quanto no Atendimento

Educacional Especializado (AEE). O uso das tecnologias é muito importante e irá contribuir para o aprendizado dos educandos. Outro ponto importante em relação ao estudante com surdez é a conscientização do professor em buscar conhecer a língua de sinais para melhor aprendizado dos estudantes. É preciso ter consciência e perceber o quanto se faz necessário o conhecimento da língua de sinais, para que ele possa ser inserido dentro do processo educativo, proporcionando a formação necessária e resgatando sua dignidade. As estratégias de ensino direcionadas para a pessoa surda devem ter como objetivo o seu desenvolvimento pleno, para que seja construído um pilar sólido na prática social dessas pessoas, que têm realidades bem diferentes, mesmo diante da inclusão. Segundo Pinheiro e Lopes (2015, p. 30),

trata-se, [...] de sujeitos que se encontram em condição marginal pelo fato de que, sem a devida escolarização, o sujeito acaba sendo privado de muitos de seus direitos fundamentais. O primeiro é justamente o direito a uma educação de qualidade, que o auxilie a interagir com seus pares, com a sociedade em suas várias instâncias de interação, e principalmente como este sujeito deve interagir com suas próprias necessidades comunicacionais.

Na pesquisa, foi possível conhecer estratégias de ensino e também refletir sobre como pessoas com surdez podem ser inseridas dentro do processo educativo de turmas da EJA, numa perspectiva de inclusão. Para que isso aconteça de modo libertador, barreiras precisam ser superadas. “Só pensamos em inclusão de alunos surdos na EJA por conta de suas necessidades especiais, entre outros fatores, os alunos surdos foram excluídos dos espaços educacionais em algum momento de suas histórias particulares” (PINHEIRO; LOPES, 2015, p. 35). É importante pensar em construir e adequar os espaços para atendimento de estudantes com qualquer tipo de deficiência. Isso deve acontecer lá no início, quando é construído o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, assegurando assim o processo de inclusão desses alunos e atribuindo no planejamento o Atendimento Educacional Especializado, para dar atendimento a todos que necessitem. Se todos os sujeitos que fazem parte do processo educativo almejarem uma sociedade melhor, assim será. Dificuldades sempre serão encontradas, mas cada um pode decidir ser derrotado ou agir, lutar e vencer. São apresentadas a seguir algumas ações e estratégias para uma educação de qualidade, respeitando as diferenças de cada um, contribuindo assim para a inclusão e a capacitação dos profissionais da educação, para que se possa fazer um trabalho bilíngue.

CURSO DE LIBRAS

Objetivo da ação: capacitar os professores na comunicação através da Libras, possibilitando a compreensão do desenvolvimento histórico e cultural da comunidade surda brasileira, conscientizando-os sobre a importância do conhecimento de Libras para facilitar a interação e o aprendizado no contato com o aluno surdo.

Descrição da ação: além de ter um intérprete em sala de aula, os professores devem se adequar aos seus alunos surdos, frequentando os cursos de Libras ou até mesmo buscando sinais básicos, exclusivamente destinados à disciplina desenvolvida. É preciso proporcionar a mobilização dos profissionais da educação, assim como a comunidade em geral a respeito da importância do conhecimento da língua de sinais e de um trabalho bilíngue para a comunicação entre todos.

Avaliação da ação proposta: a avaliação seguirá uma proposta reflexiva e dialógica, direcionada para a compreensão da importância do conhecimento da Libras no processo de ensino e aprendizagem.

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS OU TECNOLÓGICOS

Objetivo da ação: desenvolver ações de inclusão digital de forma a contribuir para a construção do exercício da cidadania por meio do domínio dos recursos tecnológicos disponíveis para alunos da EJA.

Descrição da ação: elaborar as aulas, fazendo adaptações e adequação dos conteúdos e exercícios com a utilização de recursos midiáticos e tecnológicos, como: apresentação de filmes com legenda; usar o quadro para desenhar, fazer detalhes ou esquematizar suas ideias, utilizando-se de cores diferentes, setas e símbolos que auxiliem os alunos no entendimento da matéria; passar os conteúdos por apresentações de imagens com cuidados, sem exagerar nos textos. Os slides devem ter o máximo de detalhes e de informações visuais possíveis, como imagens, desenhos e figuras, além de frases curtas, preferencialmente associadas às ilustrações.

Avaliação da ação proposta: a avaliação será feita por meio de observação quanto ao desempenho de cada aluno no uso das tecnologias e seu desenvolvimento.

ATIVIDADES PRÁTICAS COM DINÂMICAS

Objetivo da ação: resgatar a identidade dos educandos, para conhecê-los, proporcionando uma educação democrática, na qual todos participarão do processo educativo, resgatando história de vida e abrangendo o conhecimento dos dados culturais dos alunos com todos os colegas.

Descrição da ação: fazer atividades práticas, com dinâmicas que sejam relacionadas com o conteúdo.

Avaliação da ação proposta: a avaliação deve ser: contínua, já que é necessário que ocorra em todo o processo de ensino-aprendizagem; diagnóstica, para perceber dificuldades que possam gerar ajustes ou mudanças na prática educativa; dialógica, não se aplicando apenas aos alunos, mas ao ensino que se oferece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos atende pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola em idade adequada e, por esse motivo, encontram-se em situação de déficit de aprendizagem se comparados com alunos da mesma idade que não tiveram nenhum tipo de impedimento para o estudo. Os alunos da EJA chegam com uma bagagem cheia de histórias e experiências que foram vivenciadas por eles até o retorno à escola. Por isso, se faz necessário que a prática pedagógica seja realmente significativa para uma boa aprendizagem, pois grande parte deles são adultos. Diante do contexto, a EJA também recebe alunos com deficiências que precisam ser bem acolhidos. Ao falar de pessoa com deficiência, ressalta-se o educando com surdez, que não depende somente de espaço físico adequado, mas condições de aprendizagem que desenvolvam seu potencial, visto que a comunicação deles é por meio de uma língua própria do surdo. A inclusão do aluno surdo não é somente colocá-lo em uma sala de aula com outros estudantes e achar que ele está interagindo com os colegas de sala. É preciso buscar estratégias de ensino, modelos educacionais que contribuam para o seu aprendizado e inserção no ambiente escolar, bem como na sociedade. É preciso respeitar a forma de comunicação dessas pessoas valorizando a língua de sinais como acesso ao conhecimento, pois esse é o meio que identifica os surdos. A educação especial precisa dar condições para que o aluno surdo desenvolva competências comunicativas para assim dar possibilidade de interação social.

[...] O que queremos chamar a atenção neste ponto é que na inclusão de alunos surdos, a maior especificidade está centrada na dificuldade de realizar uma comunicação efetiva entre os sujeitos se entre eles não houver uma língua de contato. Por isso, para realizar a mediação entre professor e aluno, deve existir quando o professor não dominar a linguagem de sinais a figura do intérprete de língua de sinais; pois este tem importante papel de facilitar o contato do aluno surdo com o mundo vozeado que o cerca [...] (PINHEIRO; LOPES, 2015, p. 45).

Enfatiza-se a importância de o professor ter interesse e buscar conhecer e aprender Libras. São necessárias políticas públicas que vão ao encontro da realidade dos alunos com deficiência para que seus direitos realmente sejam reconhecidos. Nesse sentido, há algumas conquistas, como a Lei Federal nº 10.436 (BRASIL, 2002) e o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), que entrou em vigor em 22 de dezembro de 2005 e reconhece a Libras como construção da identidade e da cultura surda. Mas há muito ainda a ser conquistado.

[...] Entre os muitos desafios que se colocam à educação de jovens e adultos na perspectiva da educação inclusiva, pois o que é preconizado na lei ainda precisa ser efetivamente colocado em prática. Desde a formação do profissional da educação na perspectiva do atendimento adequado a alunos em condições especiais até a reestruturação dos instrumentos físicos de que as escolas dispõem para atender a essa clientela, passando pela **disposição de demais atores que auxiliem na intervenção pedagógica junto a esses sujeitos [...]**. (PINHEIRO; LOPES, 2015, p. 46).

Nesse contexto, é imprescindível que os professores de todas as disciplinas aprendam Libras para que possam **gerar estratégias pedagógicas para implementação da inclusão, principalmente em relação** a alunos surdos, levando o conhecimento da língua de sinais para a sala de aula, tornando a Libras instrumento de comunicação e acesso ao conhecimento, **fomentando a cidadania inclusiva, pois, quando se fala da** Libras, está se referindo a uma identidade e uma cultura bem diferentes das pessoas ouvintes. Os desafios devem ser vencidos para que o objetivo de uma educação igualitária seja alcançado. É necessário que se tenha uma educação bilíngue. Por isso, a formação dos professores de todas as áreas será fundamental para agir de forma democrática, pois, para o surdo, a **Libras é sua primeira língua e a Língua Portuguesa é** a segunda língua. Assim, todos terão acesso à escola, adquirindo conhecimento com dignidade e com igualdade entre todos. Os surdos têm limites na comunicação e **enfrentam dificuldades com a língua portuguesa, que é predominante na** comunidade brasileira e tem grande diferença estrutural entre ela e a língua primária dos surdos, que é a Língua de Sinais. Como o surdo não **domina a língua portuguesa, gera-se dificuldades** para a pessoa surda ler jornais, livros, revistas etc.

Outro fato é que, não conseguem interpretar legendas contidas em programas audiovisuais, pois as imagens são passadas muito rápido. Há a mesma dificuldade com os intérpretes posicionados no cantinho da tela da TV, já que muitas vezes eles não conseguem passar toda a informação para o surdo, devido à rapidez das imagens. Quando se fala que os professores de todas as áreas precisam aprender Libras e ensinar duas línguas (Libras e Português), sabemos que estamos criando vários obstáculos que muitas vezes são impostos pelos próprios professores. Isso precisa ser encarado e vencido. É preciso ter palestras sobre a comunidade surda, reuniões para debater sobre diferentes metodologias que possam ser implantadas e que vão contribuir para a aprendizagem do aluno.

A inclusão depende de uma mudança de mentalidade, criando novos métodos e modificações físicas e curriculares para que a inclusão aconteça independentemente da deficiência de cada um. Tem-se a implementação da política de inclusão, que prevê essas modificações da estrutura e do funcionamento das escolas, mas isso ainda não está garantido em sua totalidade pelas escolas. É importante refletir sobre a inclusão e considerar as diferenças entre elas, as dos surdos jovens e adultos, desenvolvendo um currículo que reconheça a diversidade. O aluno da EJA precisa perceber que a escola vai oferecer meios para que a socialização aconteça de forma positiva. É preciso analisar de que forma se pode fazer para melhorar. Tenha-se em mente que o currículo deve ser reorganizado, tendo informações práticas para a vida do aluno. Acredita-se muito em uma educação bilíngue, na qual a Libras e a Língua Portuguesa possam juntas fazer parte da escola. Deve-se inserir a Libras enquanto disciplina curricular, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, além de ser contemplada também na formação de professores. O ensino de Libras está aos poucos sendo reconhecido, mas precisa ser oferecido nas escolas para se tornar efetivo. A Libras na escola vai muito além do desenvolvimento do surdo, é um direito dele e não pode ser algo que é proporcionado somente por algumas escolas. Se houver uma adequação curricular eficaz, a Libras não vai favorecer somente as pessoas surdas, mas também os ouvintes que terão o conhecimento de mais uma língua. Dessa forma, se estará contribuindo para um mundo com mais dignidade e respeito a todos, com igualdade de oportunidades diante da sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 23. dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.

_____. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CARDOSO, Marcélia Amorim; **PASSOS,** Gisele de Andrade Louvem dos Passos. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente. *Educação Pública*, v. 16, n. 25, dez. 2016. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formacao-docente>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ESTÁCIO, Jessica Paranhos. O Ensino de Ciências e a Formação dos Professores: Considerações Para Uma Aplicação Qualitativa. Anais... XII EDUCERE, III SIRSSE, V SIPD Cátedra UNESCO e IX ENAEH, 2015, Curitiba. Anais do XII EDUCERE, III SIRSSE, V SIPD Cátedra UNESCO e IX ENAEH: Formação de professores, complexidade e trabalho docente. Curitiba: Champagnat, 2015. v. 1. p. 23356-23362. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18924_9330.pdf> Acesso em: 30 set. 2020.

NODARI, Eudir. A Inclusão de Surdos no Ambiente Escolar e o Ensino do Português Escrito. 2013. 43 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4344/1/MD_EDUMTE_2014_2_34.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

PINHEIRO, Anyellen de Almeida; **LOPES,** Raiana Ferreira. Aprendizagem dos Surdos na EJA: Limites e Possibilidades. 2015. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1382/1/AAP06102016.pdf>> Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, Elizete Monteiro da. O aluno surdo na EJA: uma reflexão sobre o ensino. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n. 12, p. 1-22, jan. 2014. Disponível em: <[http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2012%20\[MONTEIRO%20DA%20SILVA\].pdf](http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2012%20[MONTEIRO%20DA%20SILVA].pdf)>. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Ronaldo Tadeu da. Educandos surdos da EJA no cenário educacional e inclusivo: uma análise de um artigo acadêmico. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/Educandos-surdos-da-Eja-no-cen%c3%a1rio-educacional-e-inclusivo-Uma-an%c3%a1lise-de-um-artigo-acad%c3%aamico.pdf>> Acesso em: 24 set. 2020.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 1, p. 163-185, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000100163&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2020.

TEIXEIRA, Mauricio Gonçalves et al. Alfabetização de jovens e adultos: Projeto Autoestima. 2005. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/187131285.pdf>> Acesso em: 18 out. 2020.